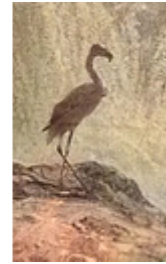


issn: 2176-5960

Προμηθεύς
journal of philosophy

n. 38 January / April 2022



**“QUANTO A MIM, PASSAVA DOS SEIS ANOS SEM TER OUVIDO
MAIS O FRANCÊS OU O PERIGORDANO DO QUE O ÁRABE”:
ALGUNS EXAGEROS NO AUTO-RETRATO DE MONTAIGNE**

Pedro Henrique Passos Carné Brasil
Doutor em Filosofia Puc/RJ
Professor UFCG

RESUMO: O objetivo deste artigo consiste em investigar a plausibilidade da conjunção de duas afirmações de Montaigne acerca de si mesmo. No ensaio sobre a educação das crianças, Montaigne afirma ter passado dos seis anos sem ter ouvido qualquer palavra de francês ou perigordano; já no ensaio sobre a experiência, ele afirma ter sido amamentado por camponeses em um vilarejo próximo ao seu castelo. Pretende-se aqui defender a implausibilidade da afirmação de Montaigne sobre não ter ouvido, pelo menos, o perigordano durante sua primeira infância.

PALAVRAS-CHAVE: Montaigne. Infância. Educação. Latim. Francês.

ABSTRACT: In this paper I intend to analyze the plausibility of putting together two statements of Montaigne about himself. In the essay about the education of the children, Montaigne claims not to have heard any word of French or Perigordian before his six years; in the essay about experience, he tells us that his father sent him to be brought up in a poor village, and kept him there as long as he was being nursed. My point is that it seems implausible that Montaigne have not heard at least any word of Perigordian during his childhood.

KEYWORDS: Montaigne. Childhood. Education. Latin. French.

I

Não é uma surpresa, para qualquer leitor dos *Ensaaios*, que Montaigne fala de si mesmo e de suas impressões sobre os mais diversos acontecimentos que lhe são contemporâneos em grande parte desse livro. Ele deixa isso bem claro na “Advertência ao leitor”: “[A] Quero que me vejam aqui em minha maneira simples, natural e habitual, sem apuro e artifício: pois é a mim que pinto. Nele meus defeitos serão lidos ao vivo, e minha maneira natural, tanto quanto o respeito público mo permitiu” (MONTAIGNE, 2002/1965, p. 4/49). Aparentemente, sua vida constitui-se como a pedra de toque de sua escrita.¹

A relação entre a vida de Montaigne e sua escrita, no entanto, não é tão simples quanto possa parecer. Afinal, Montaigne também afirma em seus *Ensaaios* que “cada homem porta em si a forma integral da condição humana” (MONTAIGNE, 2002/1965, p. 28/45). Para Erich Auerbach, é como se Montaigne estivesse afirmando que a constituição de toda a humanidade pode ser encontrada na constituição espiritual de um único homem (cf. AUERBACH, 1970, p. 11); já para Jean Starobinski, é como se o verdadeiro desafio dos ensaios não fosse a verdade do auto-retrato, mas o da obrigação cívica e do dever de humanidade (cf. STAROBINSKI, 2018, p. 22).

Será que devemos interpretar os *Ensaaios* como um retrato que Montaigne faz de si mesmo enquanto indivíduo? Ou devemos interpretar o olhar de Montaigne para sua própria vida como a elaboração codificada de toda a condição humana? Como os *Ensaaios* foram escritos ao longo de vinte anos, penso que podemos encontrar no texto de Montaigne elementos capazes de justificar cada uma dessas leituras. Interessa-me, porém, analisar uma breve frase dos *Ensaaios* que, sem sombra de dúvida, compõe o auto-retrato de Montaigne, uma frase com a qual Montaigne especifica os frutos de sua singular educação. Ele afirma: “quanto a mim, passava dos seis anos sem ter ouvido

¹ Dispomos de duas traduções completas dos *Ensaaios* em língua portuguesa, a tradução de Sérgio Milliet (MONTAIGNE, 2016) e a tradução de Rosemary Costhek Abílio (MONTAIGNE, 2002). À luz do estudo de Claudia Borges de Faveri (FAVERI, 2019) sobre a recepção e a tradução dos *Ensaaios* no Brasil, bem como do estudo de Rafael Marcelo Viegas (VIEGAS, 2011) sobre a importância das *couches* nos *Ensaaios* (as *couches* são os colchetes inseridos no texto de Montaigne com o objetivo de indicar as sucessivas transformações efetuadas por Montaigne no texto dos *Ensaaios* a cada edição), a tradução utilizada nesse artigo é a de Rosemary Costhek Abílio, em função do fato de ela ter vertido para a língua portuguesa a edição crítica de Pierre Villey. Por economia de espaço, não citarei o texto original de Montaigne, mas indicarei a página do texto citado na edição estabelecida e apresentada por Pierre Michel, publicada pela editora Gallimard com prefácios de André Gide, Albert Thibaudet e Maurice Merleau-Ponty (MONTAIGNE, 1965).

mais o francês ou o perigordano do que o árabe” (MONTAIGNE, 2002/1965, I, 26, p. 259/253).

II

A primeira frase da “Advertência ao leitor” apresenta-nos uma espécie de caráter da obra, pois, dirigindo-se a todos os seus leitores, Montaigne escreve: “Está aqui um livro de boa-fé, leitor” (*idem*, p. 3/49). Podemos concluir dessa frase que os *Ensaaios* foram escritos com sinceridade, franqueza e honestidade, isto é, sua motivação decorreria do comprometimento de Montaigne com a verdadeira filosofia, de acordo com o diagnóstico de Platão.²

Ao longo dos últimos séculos, no entanto, o caráter dessa obra foi bastante discutido. Basta, para tanto, nos referirmos à obra de Yves Délégue, *Montaigne et la mauvaise foi* (DELEGUE, 1998), que já em seu título relativiza a natureza da boa-fé de Montaigne na elaboração de seu livro — investigando o quanto de má-fé Montaigne precisou para fazer com que uma linguagem fundamentalmente constituída por um divórcio entre as palavras e as coisas fosse capaz de gerar uma “escrita da verdade” (cf. CHARPENTIER, 2000, p. 183).

O fato de Montaigne nos advertir que os *Ensaaios* constituem-se como um livro “de boa-fé”, porém, não implica que devemos simplesmente assumir como verdadeiro tudo o que ele nos diz em suas páginas. Muitas vezes, a boa-fé de Montaigne tropeça nas próprias pernas, fazendo com ele nos relate anedotas, no mínimo, implausíveis. Penso ser esse o caso, por exemplo, da maneira como a história de sua educação nos é relatada.

Com efeito, escreve Montaigne:

[A] Meu falecido pai, tendo feito todas as buscas que um homem pode fazer, entre as pessoas sábias e inteligentes, de uma forma de educação aprimorada, foi alertado sobre esse inconveniente que estava em voga; e diziam-lhe que esse longo tempo que levávamos a aprender as línguas [C] que nada custavam a eles [A] é a única razão de não conseguirmos atingir a grandeza de alma e de conhecimento dos antigos gregos e romanos. Não creio que seja essa a única razão. Seja

² Em um alongamento ao ensaio sobre a educação das crianças, Montaigne afirma: “[C] Saber de cor não é saber: é conservar o que foi entregue à guarda da memória. Do que sabemos efetivamente, dispomos sem olhar para o modelo, sem voltar os olhos para o livro. Desagradável competência, a competência puramente livresca! Espero que ela sirva de ornamento, não de fundamento, segundo o parecer de Platão, que afirma que a firmeza, a honradez, a sinceridade são a verdadeira filosofia” (MONTAIGNE 2002/1965, p. 228/227).

como for, o expediente que meu pai encontrou foi, no período de aleitamento e antes de minha língua começar a soltar-se, deixar-me ao encargo de um alemão, que mais tarde morreu como médico famoso na França, totalmente ignorante de nossa língua e muito bem versado na latina. Este, que meu pai mandara vir especialmente e que era muito bem remunerado, trazia-me continuamente em seus braços. Junto com ele meu pai tinha dois outros, menores em saber, para me acompanharem e aliviarem o primeiro. Estes não conversavam comigo em outra língua que não a latina. Quanto ao restante de sua casa, era uma regra inviolável que nem ele próprio, nem minha mãe, nem criado, nem camareira falassem em minha presença algo além das tantas palavras de latim que cada qual havia aprendido para conseguir falar comigo. Foi admirável o fruto que todos obtiveram disso. Meu pai e minha mãe aprenderam latim bastante para entendê-lo e adquiriram o suficiente para usá-lo de acordo com a necessidade, assim como fizeram também os outros empregados mais ligados ao meu serviço. Em suma, latinizamo-nos tanto que isso transbordou para nossas aldeias em toda a volta, onde há ainda e se enraizaram pelo uso muitas denominações latinas de artesãos e de ferramentas. Quanto a mim, passava dos seis anos sem ter ouvido mais o francês ou o perigordano do que o árabe. E sem arte, sem livro, sem gramática ou preceito, sem chicote nem lágrimas, eu aprendera latim, tão puro como meu professor o sabia. Se como teste queriam dar-me uma composição, à moda dos colégios, aos outros dão-na em francês· mas a mim tinha de ser dada em mau latim, a fim de que a passasse para o bom. E Nicolas Groucchi, que escreveu *De comitiis romanorum*, Guillaume Guérente, que comentou Aristóteles, George Buchanan, o grande poeta escocês, [B] Marc Antoine Muret, [C] que a França e a Itália reconhecem como o melhor orador da época, [A] meus preceptores domésticos, disseram-me amiúde que em minha infância eu tinha essa linguagem tão pronta e tão à mão que eles sentiam medo de abordar-me. (MONTAIGNE, 2002/1965, I, 26, p. 259/253)

Podemos observar a reunião de diversos elementos nessa história. Dentre outros, aqui se encontram o duplo objetivo do pai de Montaigne (por um lado, propiciar a Montaigne o aprendizado da língua latina sem maiores turbulências ou violências; por outro, pavimentar o caminho de Montaigne em direção à mesma grandeza de alma observada nos autores antigos), os efeitos colaterais dessa experiência pedagógica (a “latinização” das pessoas e das comunidades que orbitavam o jovem Michel e o castelo de Montaigne) e o fato de que Montaigne passava dos seis anos sem ter tido absolutamente nenhum contato com a língua francesa.

III

Ao meditar sobre os elementos reunidos nessa anedota, surgiu em mim uma pequena desconfiança. Naturalmente, não em relação aos objetivos do pai de Montaigne sobre sua educação. Tampouco em relação aos efeitos colaterais de uma proposta

pedagógica *sui generis*. No entanto, parece-me que Montaigne exagera os traços do retrato de sua educação ao afirmar não ter ouvido o francês ou o perigordano antes dos seis anos.

A anedota de Montaigne sobre sua educação encontra-se no ensaio dedicado à educação das crianças. Em outro ensaio, porém, dedicado à experiência, somos apresentados à história de sua infância. Ali, conta-nos Montaigne:

[B] Se eu tivesse filhos homens, de bom grado desejaria para eles minha fortuna. O bom pai que Deus me deu (que de mim só tem o reconhecimento por sua bondade, mas certamente o tem bem vigoroso), enviou-me desde o berço para ser criado num pobre vilarejo dos seus, e manteve-me lá enquanto fui amamentado e depois ainda, acostumando-me à maneira mais inferior e comum de viver: [...] Sua atitude visava ainda a um outro fim: ligar-me com o povo e com aquela classe de homens que necessita de nossa ajuda; e apreciava que eu fosse obrigado a olhar para quem me estende os braços e não para quem me vira as costas. E foi essa a razão por que também me entregou para ser batizado a pessoas da mais baixa fortuna, para obrigar-me e ligar-me a elas. (MONTAIGNE, 2002/1965, III, 13, p. 476/396)

Muitas perguntas surgem no momento em que cotejamos essa lembrança de infância de Montaigne com a história de sua educação. Afinal, será que os camponeses que o acolheram não conversavam diante do bebê que ali se encontrava sob sua proteção? Será que Montaigne, de fato, não teve nenhum contato com a língua francesa ou com o perigordano antes de ser educado em latim, ainda que estivesse no meio de camponeses? Será que sua alfabetização em latim iniciou-se *no meio* dos camponeses? Será que primeiro ele foi enviado para ser amamentado entre os camponeses e depois foi alfabetizado em latim? Ainda que, de uma perspectiva crítica, ambas as anedotas de Montaigne devam ser observadas com suspeita, penso ser mais possível haver uma implausibilidade na recordação de sua alfabetização do que na recordação de sua primeira infância.

IV

Por diferentes razões, Pierre Villey e Philippe Desan são dois nomes bastante conhecidos entre os estudiosos das obras de Montaigne. Villey, além de ser o responsável por uma das mais importantes edições críticas dos *Ensaaios*, é o autor de um estudo incontornável sobre as fontes e a evolução deste texto de Montaigne (VILLEY, 1908). Desan, por sua vez, não apenas é o autor de uma importante biografia política de

Montaigne (DESAN, 2017), como coordenou a publicação do também incontornável *Dictionnaire Montaigne* (DESAN, 2004), obra em que mais de uma centena de especialistas dedicam-se a explicar tópicos relacionados ao pensamento do filósofo. Vejamos de que maneira Villey e Desan analisam as anedotas de Montaigne sobre sua infância e sobre sua educação.

Em sua edição crítica dos *Ensaio*s, Villey escreve uma pequena introdução para cada ensaio, na qual apresenta uma hipótese sobre a data de composição do texto, sobre as possíveis leituras efetuadas por Montaigne neste período, bem como sobre fatos biográficos e históricos que talvez tenham motivado sua redação. Na introdução ao ensaio sobre a educação das crianças, lemos o seguinte:

Evidentemente, podem-se apontar muitas semelhanças entre as idéias de Montaigne e as de certos pedagogos de seu tempo, especialmente dos pedagogos italianos: **ele compartilha com outros escritores as tendências profundas do Renascimento que se expressam em sua pedagogia, mas em verdade foi diretamente na experiência pessoal que buscou suas diretrizes; e, juntamente com as lembranças da infância e de sua própria educação, o que encontramos a cada passo são seus próprios hábitos intelectuais, suas regras pessoais de conduta.** (MONTAIGNE, 2002, I, 26, p. 217 [meus grifos])

Sem pestanejar, Villey assume que foi em sua experiência pessoal que Montaigne buscou as diretrizes das ideias pedagógicas que defende nesse ensaio, fundamentando-as nas lembranças de sua infância e de sua própria educação. Em compensação, na introdução ao ensaio sobre a experiência, não há nenhuma menção ao fato de Montaigne ter sido enviado por seu pai para ser amamentado entre camponeses, apenas comentários acerca de seus mais destacados temas (o método que Montaigne teria utilizado na composição de seus ensaios, o gosto pelo paradoxo, a crítica à medicina e as ideias morais do filósofo — as quais culminariam em sua concepção de sabedoria).

Naturalmente, não é apenas nessa breve introdução ao ensaio sobre a educação das crianças que Villey assume como verdadeira a anedota pedagógica de Montaigne. Na seção dedicada à juventude de Montaigne no incontornável *Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne*, Villey afirma:

Como tantos outros nobres de sua época, Pierre Eyquem trouxera da Itália o gosto pelas coisas intelectuais, bem como o desejo de se cercar de eruditos e literatos. Ele igualmente trouxera os princípios pedagógicos dos quais se beneficiou Michel. Podemos distinguir dois

principais. [...] O segundo princípio era fazê-lo aprender latim completa e facilmente, como uma língua viva. **Ele lhe deu professores que falavam apenas o latim, ele mesmo aprendeu o que lhe era necessário saber para falar com seu filho; ele fez com que aprendessem latim sua esposa, os habitantes da casa.** “Latinizamo-nos”, diz Montaigne, “tanto que isso transbordou para nossas aldeias em toda a volta, onde há ainda e se enraizaram pelo uso muitas denominações latinas de artesãos e de ferramentas”. O fato capital é que a língua latina era “como natural” para Montaigne, fato que constituía uma vantagem inestimável. **Aos seis anos, ele não havia ouvido nenhuma palavra de francês ou perigordano, e quando entra no colégio, Grouchy, Guérente, Buchanan e Muret, que estavam entre os latinistas mais célebres de seu tempo, “sentiam medo de abordá-lo”** (VILLEY, 1908, p. 41 [meus grifos]).

Como podemos observar, assim como não há nenhuma menção à possibilidade de Montaigne ter sido enviado por seu pai para ser amamentado em um pobre vilarejo, também não há nenhuma dúvida sobre a veracidade da anedota de Montaigne sobre sua própria educação.

As observações de Desan, com efeito, manifestam uma perspectiva diferente. Em sua biografia de Montaigne, encontramos uma solução de continuidade para o que seria uma aparente tensão entre essas duas anedotas. Afirma Desan:

Pierre Eyquem queria dar a seu filho a melhor educação possível, segundo os preceitos pedagógicos do humanismo do tempo de Francisco I. Desde seu nascimento, Montaigne foi instruído e educado como o herdeiro de uma família nobre. É ele que garantirá de maneira definitiva a conversão dos Eyquem em Montaigne. Era necessário, portanto, proporcionar-lhe uma educação digna de suas responsabilidades futuras. **Depois de ter sido entregue a uma ama de leite, ele foi trazido de volta ao castelo onde, desde o ano de 1535, seu pai decidiu fazer do latim sua língua materna, uma prática recomendada por Erasmo em seu *De pueris* (1529). Portanto, foi em latim que Montaigne foi educado em sua primeira infância.** Seu pai obrigava até os criados do castelo a falar com ele apenas nesta língua: “era uma regra inviolável que nem ele próprio, nem minha mãe, nem criado, nem camareira falassem em minha presença algo além das tantas palavras de latim que cada qual havia aprendido para conseguir falar comigo”. Montaigne relata que seus pais aprenderam latim o suficiente para poder se comunicar com ele. Como ele comenta, não sem exagero e ironia: “Em suma, latinizamo-nos tanto que isso transbordou para nossas aldeias em toda a volta, onde há ainda e se enraizaram pelo uso muitas denominações latinas de artesãos e de ferramentas” (DESAN, 2014, “Nous nous latinizames” [meus grifos]).

Assim, de acordo com os cálculos de Desan, Montaigne nasceu em 28 de fevereiro de 1533, foi enviado para ser amamentado por uma ama de leite em algum vilarejo

próximo ao seu castelo até completar, mais ou menos, 2 ou 3 anos, e, em 1535, foi trazido de volta para o castelo, momento em que seu pai teria dado início ao seu processo de alfabetização em língua latina (um processo que duraria três ou quatro anos, uma vez que, aos 6 anos, Montaigne é enviado para o Colégio de Guyenne). Desan afirma ainda que:

Nos seus *Ensaio*s, Montaigne afirma que o francês era uma língua estrangeira para ele. **No entanto, podemos presumir que, no contato com os servos e camponeses que cultivavam suas terras senhoriais, ele foi exposto a numerosos gasconismos que posteriormente marcaram seus escritos. A educação de Montaigne começou no castelo com os professores, segundo os princípios da nobre tradição.** Influenciado por uma educação humanista tal como descrita, por exemplo, por Gargantua na célebre carta a seu filho no *Pantagruel* de Rabelais, Pierre Eyquem queria enviar Michel para o melhor estabelecimento com o objetivo de aprender as disciplinas humanistas. Na região, apenas uma instituição oferecia uma educação que combinava a gentileza “sem rigor e constrangimento” do sistema de Erasmo com o rigor de uma educação escolástica. Em 1539, aos seis anos, Montaigne ingressou como interno no Colégio de Guyenne, sendo alojado diretamente na primeira série (talvez na segunda) por já possuir rudimentos de latim. (DESAN, 2014, “Nous nous latinizames” [meus grifos]).

Ou seja, de acordo com o diagnóstico de Desan, poderíamos presumir, pela presença de alguns “gasconismos” nos *Ensaio*s, que Montaigne teria sido exposto ao perigordano durante sua “estadia” no vilarejo, o que tornaria sua afirmação sobre não ter ouvido o francês e o perigordano antes dos seis anos, no mínimo, implausível.

V

Penso, porém, que a implausibilidade da afirmação de Montaigne subsistiria ainda que não encontrássemos nenhum vestígio de “gasconismo” nas páginas dos *Ensaio*s, pois, como afirma Georges Hoffman, “alguns dos meses mais importantes da vida de Montaigne para a aquisição da linguagem ocorreram no ambiente exclusivamente francês da aldeia local, e da boca de sua ama de leite” (HOFFMAN, 2015, “Acquiring vernacular literacy”). Podemos confirmar o diagnóstico de Hoffman com o auxílio de três diferentes reflexões.

Em seu livro *A busca da língua perfeita na cultura europeia*, Umberto Eco coloca-nos diante de uma crônica de Salimbene de Parma, frei franciscano cuja atividade intelectual desenvolveu-se ao longo do século XIII entre os territórios da

França e da Itália (cf. EMERTON, 1915). O tema desta breve citação é uma pesquisa que Frederico II, Imperador do Sacro-Império Romano-Germânico, havia efetivado. Conta-nos o frei:

[Frederico II] quis experimentar que língua e idioma usavam as crianças que chegassem à adolescência sem jamais ter podido falar com ninguém. Por isso deu ordem às babas e às amas de leite de alimentar os bebês [...], com a proibição de falar com eles. Ele pretendia descobrir se falariam a língua hebraica, se foi a primeira, ou a grega, ou a latina, ou a arábica; ou se continuariam a falar a língua dos próprios pais, dos quais eles nasceram. Mas o seu esforço não deu qualquer resultado, porque todas as crianças ou bebês acabavam morrendo (PARMA *apud* ECO, 2018, p. 11).

Para ouvidos contemporâneos, o debate em torno da importância da comunicação com bebês e crianças tem outros objetivos, como, por exemplo, o de desvendar a natureza da contribuição da linguagem para a formação psíquica, cognitiva, afetiva ou espiritual do indivíduo. Muitas décadas de pesquisa parecem não ter deixado dúvidas sobre o caráter fundamental da comunicação linguística com os bebês (cf. LASNIK, 2013; DOLTO, 2017; BUSNEL, 2017; DOLTO, 2018; PARLATO-OLIVEIRA, 2020). Não acredito que, contemporaneamente, uma investigação tal como a empreendida por Frederico II pudesse ser levada a cabo.

A investigação empreendida por Frederico II, no entanto, é capaz de atestar-nos o seguinte: somente com uma proibição expressamente formulada (e, provavelmente, com sérias consequências, caso desobedecida), as babas e as amas de leite deixariam de falar, de se comunicar com bebês e crianças sob seus cuidados. Apesar de ser curioso que as mães não tenham sido mencionadas pelo frei, sua crônica sugere um hábito bastante comum entre os seres humanos: a aparente naturalidade de nossa comunicação com bebês e crianças.

Aliás, é importante ressaltar que encontramos uma advertência equivalente em Quintiliano, que na sua *Instituição Oratória* (I, 1, 4-5) afirma:

Antes de tudo, que as amas de leite não tenham uma linguagem viciosa: Crisipo preferia que elas fossem, se possível, inteligentes; certamente queria que fossem selecionados os meios que se afigurassem os melhores. E entre esses, sem dúvida, o motivo dos costumes é prioritário; contudo, que se fale também corretamente. O menino as ouvirá logo no início, tentará reproduzir as palavras delas por imitação e, por natureza, somos muito aferrados àquilo que percebemos com o espírito intocado: como o sabor, pelo qual incutas algo novo, permanece, também as cores das lãs, com que aquele

branco simples foi mudado, podem ser desfeitas. E essas coisas se fixam mais tenazmente sendo as piores. Realmente, as coisas boas se alteram para o pior: quando convertes os vícios em algo bom? Portanto, não o acostume à linguagem, que não deve ser sabida, mesmo enquanto for criança (QUINTILIANO, 2015, p. 35).

À luz da crônica de Salimbene de Parma e da instrução de Quintiliano, recapitulemos as descrições de Montaigne: ele nos diz que, ainda durante seu período de aleitamento, foi entregue aos cuidados do médico alemão incumbido da tarefa de se comunicar com ele apenas em latim; por outro lado, ele nos diz que foi mantido, durante o período de amamentação, junto de camponeses em um pobre vilarejo. Excetuando-se a possibilidade de Pierre Eyquem, pai de Montaigne, ter enviado para o pobre vilarejo, além de Montaigne, um médico alemão e dois empregados para auxiliarem-no nos cuidados dedicados à criança, todos se comunicando, com a criança e entre si, no meio dos camponeses, apenas em latim, não vejo como as histórias de Montaigne possam simultaneamente fazer sentido.

Aliás, se quisermos radicalizar nossas dúvidas acerca da alfabetização de Montaigne, particularmente sobre o fato de ele não ter ouvido o francês e o perigordano antes dos seis anos, poderíamos cotejar seu relato com algumas pesquisas contemporâneas dedicadas à reação de bebês recém-nascidos à língua materna em nível neuronal.

Pesquisas recentes tem investigado a hipótese de que a língua ambiente à qual os fetos são expostos ainda no útero (particularmente a língua da mãe) afeta a percepção de sua língua materna em nível fonético (cf. MAY, BYERS-HEINLEIN, GERVAIN, WERKER, 2011; MOON, LAGERCRANTZ, KUHL, 2013). O procedimento utilizado na verificação dessa hipótese consiste em observar a resposta neuronal de bebês recém-nascidos às vogais familiares de sua língua materna em contraposição à sua resposta às vogais não-familiares (ou às vogais familiares de línguas diferentes da língua materna). Os resultados aos quais essas pesquisas tem chegado, até agora, tem sido favorável à hipótese inicial. O que nos permite sugerir que Montaigne, ainda que inconsciente desse fato, foi exposto às modulações fonéticas da língua francesa — ou, mais provavelmente, do perigordano — ainda no ventre de sua mãe. Afinal, se essas pesquisas corroborarem a teoria de acordo com a qual um feto encontra-se particularmente exposto aos sons emitidos por sua mãe, Montaigne foi exposto à voz e

aos sons de Antoinette de Louppes, a figura ausente dos *Ensaïos* (cf. BJAÏ, 2011; CHARPENTIER, 1984).

VI

A implausibilidade da afirmação de Montaigne sobre sua educação requer uma breve explicação de alguns de seus elementos constitutivos.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que as histórias são redigidas em momentos diferentes de sua vida. Enquanto a primeira, sobre a educação de Montaigne, encontra-se quase em sua totalidade já na primeira edição dos *Ensaïos* publicada em 1580, a segunda, sobre sua infância, pertence integralmente à terceira edição, publicada em 1588. Isto significa que a primeira história foi redigida *antes* de 1580, ao passo que a segunda história foi redigida *depois* de 1582 (ano da segunda edição de seu livro). Ou seja: o quadro de referências (intelectuais e biográficas) movimentado por Montaigne para a elaboração de ambas as histórias é diferente, o que talvez explique a aparente incompatibilidade entre elas.

Villey afirma que o ensaio sobre a experiência foi escrito em 1587, em função da referência feita por Montaigne à própria idade no início desse texto. Efetivamente, isso faz com que as reflexões desenvolvidas nas páginas desse ensaio tenham sido elaboradas depois da experiência de Montaigne como prefeito de Bordeaux (1581-85), talvez até com o objetivo de preservar algumas de suas opiniões. Afinal, durante sua prefeitura, em carta dirigida ao rei Henrique III, datada de 31 de agosto de 1583, Montaigne manifesta sua preocupação com a questão social e econômica representada pelo número crescente de pobres:

E visto que a miséria do tempo foi tão grande após o flagelo das guerras civis, que várias pessoas de todos os sexos e qualidades foram reduzidas à mendicância, de maneira que não se vê pelas cidades e campos senão uma multidão desenfreada de pobres, o que não aconteceria se o édito feito pelo finado de boa memória Rei Carlos, que Deus o absolva, fossem observados, obrigando que cada paróquia seja responsável pela alimentação de seus pobres, sem que lhes fosse permitido vagar em outros lugares. (MONTAIGNE *apud* DE SOUZA FILHO, 2021, p. 145)

À luz dessas informações, a história sobre sua infância pode ser interpretada como uma maneira encontrada por Montaigne de documentar o fato de que sua compaixão para

com as pessoas mais pobres não é circunstancial, mas origina-se em sua mais profunda experiência, chegando a confundir-se com sua entrada no mundo cristão.

Em segundo lugar, devemos ressaltar a diferença entre as línguas mencionadas por Montaigne. Qual o estatuto do latim, do francês e do perigordano no século XVI? O perigordano é um dialeto eminentemente rural falado na região da antiga província de Périgord. Para nossos fins, é relevante enfatizarmos que esse é um dialeto *falado e eminentemente rural*, ao qual Montaigne deve ter sido largamente exposto, caso tenha realmente passado os primeiros momentos de sua infância entre camponeses.

Se considerarmos, em consonância com Michèle Perret, que uma língua torna-se plenamente oficial quando passa a ser utilizada na administração da política, da justiça e do ensino de uma determinada nação, podemos afirmar que a língua francesa no século XVI encontra-se nesse caminho (cf. PERRET, 2008, cap. 4). Basta, para tanto, observarmos que data de 1539 o documento que instaura a língua francesa como a língua oficial na redação dos atos jurídicos e notariais do governo francês, em detrimento da língua latina, seja esse documento a *Portaria Villers-Cotterêts* promulgada em 10 de agosto daquele ano pelo Rei Francisco I. Não seria exagerado afirmar que esta decisão relativa à língua francesa constitui um dos capítulos da consolidação do poder monárquico na França, se pressupusermos que a unidade linguística apresenta-se neste contexto como um dos critérios para a unidade do Estado (um critério ideal, poderíamos dizer, pois a unidade linguística efetiva não será alcançada neste momento, haja vista a presença dos mais diversos dialetos que sobreviverão por bastante tempo em muitas regiões francesas, como, por exemplo, o perigordano (cf. BLANC, 2010)).

O estatuto do latim, por sua vez, fora objeto de indagação de Dante Alighieri ainda no século XIV. Em seu livro *De vulgari eloquentia*, Dante não apenas opõe as línguas vernáculas à língua latina, como avalia essa oposição. Para ele, uma língua vernácula consiste na língua em que as crianças são acostumadas por aqueles que as rodeiam, tão logo elas começam a articular de maneira distinta as palavras, ou seja, a língua que aprendemos, sem o estudo de regras, por simples imitação (das mães, das amas etc.). Ao vernáculo, opõe-se a *locutio secundaria*, a segunda língua que, conta-nos Dante, os romanos chamavam de gramática. Esta, por sua vez, é uma língua governada por regras que são aprendidas mediante longo estudo e da qual se adquire o *habitus* (cf. ECO, 2018, p. 47-51). Na avaliação de Dante, “a mais nobre entre estas duas línguas é o

vernáculo, seja por ter sido a primeira a ser empregada pelo gênero humano, seja por dela valer-se o mundo inteiro (mesmo na diversidade de pronúncias e de vocabulários que a dividem), seja porque nos é natural (enquanto a outra é assaz artificial)” (DANTE, 2011, I, 1, 4).

Reunamos, então, as peças de nosso pequeno mosaico. O perigordano é um dialeto eminentemente rural falado na região de Périgord, região na qual encontrava-se o castelo de Montaigne; o francês tornou-se a língua oficial na redação dos atos jurídicos e notariais do governo francês em 1539, com a edição da portaria real, o que faz com ele ainda seja uma língua “instável”; o latim, por fim, constitui, no século XVI e ainda por muito tempo, a *locutio secundaria*, a segunda língua na qual os indivíduos eram alfabetizados com o auxílio de uma gramática. Consequentemente, o perigordano deveria ser a língua falada na região em que Montaigne cresceu, a francês era a língua dos documentos oficiais do governo e latim era a língua oficial da república das letras.³ Parece mais plausível supor que Montaigne tenha falado o perigordano, por imitação, quando pequeno; tenha sido alfabetizado em latim, em casa, antes de ser enviado ao Colégio de Guyenne; e, por fim, tenha decidido escrever sua obra em francês em sua maturidade. Esse quadro parece fazer mais sentido do que a história de Montaigne, segundo a qual ele não ouvira nenhuma palavra de francês ou do perigordano antes dos seis anos por ter sido alfabetizado em latim.

VII

O objetivo desse breve estudo consiste em indicar algumas razões que nos autorizariam a duvidar de um elemento inserido na história da educação de Montaigne, seja este o fato de que ele não ouvira o francês e o perigordano antes dos seis anos, por ter sido exposto apenas à língua latina desde o seu aleitamento.

Muito foi escrito sobre Montaigne, sobre sua vida e sobre os *Ensaíos* ao longo dos últimos quatrocentos e poucos anos. No entanto, ao olharmos atentamente para seus textos, descobrimos em Montaigne um verdadeiro manancial para a elaboração filosófica: não apenas seus aspectos teóricos são inumeráveis, como são inumeráveis os contextos em que podemos considerá-lo. Caso nossa argumentação esteja correta, e, de fato, Montaigne tenha ido longe demais na lembrança de sua infância, qual seria o

³ Aliás, diga-se de passagem, se há algo capaz de unir católicos e protestantes nesse século de sangrentas divergências é a utilização da língua latina na administração de seus ensinamentos (Cf. PERRET, 2008, cap. 4).

fundamento de semelhante exagero? Afinal, ainda que Montaigne tenha ouvido, pelo menos, o perigordano durante sua infância, ele *afirma* não tê-lo ouvido, e é importante compreendermos as razões que motivariam tal afirmação. Talvez, quando ele afirma, na sua advertência ao leitor, que pintou seus defeitos e sua maneira natural *tanto quanto o respeito público o permitiu*, estejamos diante de uma “censura” exercida por Montaigne sobre si mesmo, uma “censura” capaz de gerar, nas páginas dos *Ensaïos*, deslocamentos e condensações dos pensamentos que ele efetivamente gostaria de ter comunicado (cf. FREUD, 2019).

Minha intuição é a de que possuímos duas vias para elaborarmos esses pensamentos e razões que levaram Montaigne a afirmar algo que soa implausível: por um lado, os estudos sobre seu suposto “bilinguismo” (expressão utilizada por Floyd Gray (cf. GRAY, 1991; GRAY, 2004) para caracterizar a relação do filósofo com as línguas latina e francesa); por outro lado, a relação estabelecida por Montaigne com sua mãe, Antoinette de Louppes (BAJĪ, 2011; CHARPENTIER, 1984; DESAN, 2014; DESAN, 2016a). O desenvolvimento dessa intuição, porém, demanda novo estudo.

REFERÊNCIAS:

- AUERBACH, E. *Da Montaigne a Proust*. Ricerche sulla della cultura storia francese. Bari: De Donato Editora, 1970.
- BAJĪ, D. “Absents et absences dans les *Essais* de Montaigne”. IN: *Quêtes littéraires*, n° 1, p. 11-22, 2011.
- BLANC, A. *La langue du roi est le français*. Essai sur la construction juridique d’un principe d’unicité de langue de l’Etat royal (842-1789). Paris: Editions L’Harmattan, 2010.
- BUSNEL, M.-C. *A linguagem dos bebês*. Trad. Monica Seincman. São Paulo: Ed. Escuta, 2017.
- CHARPENTIER, F. “L’absente des *Essais*: quelques questions autour de l’Essai II-8, “De l’affection des pères aux enfants”. IN: *Bulletin de la société des amis de Montaigne*, v. 6, n. 17-18, p. 7-16, 1984
- DANTE, A. *De vulgari eloquentia*. Sobre a eloquência em vernáculo. Trad. Tiago Tresoldi. Porto Alegre: Tiago Tresoldi Editore, 2011.
- DELEGUE, Y. *Montaigne et la mauvaise foi*. Paris: Champion, 1998,

- DESAN, P. *Montaigne, une biographie politique*. Paris: Odile Jacob, 2014.
- DESAN, P. (Ed.), *The Oxford Handbook of Montaigne*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- DESAN, P. “From Eyquem to Montaigne”. IN: DESAN, P. (Ed.), *The Oxford Handbook of Montaigne*. Oxford: Oxford University Press, 2016a.
- DESAN, P. *Montaigne, a life*. Trad. Steven Rendall e Lisa Neal. Princeton: Princeton University Press, 2017.
- DESAN, P. (Ed.). *Dictionnaire Montaigne*. Paris: Classique Garnier, 2018.
- DE SOUZA FILHO, J. A. “Realidade histórica, representação literária e coesão factual nos ensaios “ameríndios” de Michel de Montaigne”. IN: *Modernos & Contemporâneos*, v. 5, n. 11., p. 128-158, 2021. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos/article/view/4472>
- DOLTO, F. *Seminário de psicanálise de crianças*. Trad. Márcia Aguiar. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2017.
- DOLTO, F. *Tudo é linguagem*. Trad. Luciano Machado. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2018.
- ECO, U. *A busca da língua perfeita na cultura europeia*. Trad. Antonio Angonese. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- EMERTON, E. “Fra Salimbene and the Franciscan Ideal”. IN: *Harvard Theological Review*, v. 8, n. 4, p. 480-503, 1915. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1507265?seq=1#metadata_info_tab_contents
- FAVERI, C. B. “Os Ensaios de Michel de Montaigne no Brasil: recepção e tradução”. IN: *Revell*, v. 3, n. 23, p. 475-491, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4382>
- FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2019.
- GRAY, F. *Montaigne Bilingue: le latin des Essais*. Paris: Classique Garnier, 1991.
- GRAY, F. “Bilinguisme”. IN: DESAN, P. (Ed.), *Dictionnaire Montaigne*. Paris: Classique Garnier, 2004.
- HOFFMAN, George. “Montaigne’s education”. IN: DESAN, P. (Ed.), *The Oxford Handbook of Montaigne*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- LAZNIK, M. *A hora e a vez do bebê*. São Paulo: Instituto Langage, 2013.

- MAY, L., BYERS-HEINLEIN, K., GERVAIN, J., WERKER, J. “Language and the newborn brain: does prenatal language experience shape the neonate neural response to speech?” IN: *Frontiers in Psychology*, v. 2, p. 1-9, 2011. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2011.00222/full>
- MONTAIGNE, M. de. *Ensaaios*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. 3 vols. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MONTAIGNE, M. de. *Ensaaios*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Editora 34, 2016.
- MONTAIGNE, M. de. *Essais*. Édition présentée, établie et annotée par Pierre Michel. Paris: Gallimard, 1965.
- MOON, C., LAGERCRANTZ, H., KUHL, P. “Language experienced in utero affects vowel perception after birth: a two-country study”. IN: *Acta Paediatrica*, v. 102, n. 2, p. 156-160, 2013. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23173548/>
- PARLATO-OLIVEIRA, E., *O bebê e as tramas da linguagem*. São Paulo: Instituto Langage, 2020.
- PERRET, M. *Introduction à l’histoire de la langue française*. Paris: Armand Collin, 2008.
- PIRES, P. R. (Org.), *Doze Ensaaios sobre o Ensaio*. São Paulo: IMS, 2018.
- STAROBINSKI, J. “É possível definir o ensaio?” IN: PIRES, P. R. (Org.), *Doze Ensaaios sobre o Ensaio*. São Paulo: IMS, 2018.
- QUINTILIANO. *Instituição Oratória*. Tomo I. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora Unicamp, 2015.
- VIEGAS, R. M. “Montaigne de [A] a [C]. Ensaio sobre as *Couches*”. IN: *Remate de Males*, v. 31, n. 1-2, p. 35-52, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636221>
- VILLEY, P. *Les sources et l’évolution des Essais de Montaigne*. Paris: Librairie Lachette, 1908.